

## PRÓTESES NO PORTUGUÊS RURAL MINEIRO

Maryelle Joelma Cordeiro (UFMG)

[maryellecordeiro@gmail.com](mailto:maryellecordeiro@gmail.com)

Simone Dornelas de Carvalho (UFMG)

[simonedornelascarvalho@gmail.com](mailto:simonedornelascarvalho@gmail.com)

### RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo realizar um estudo dos casos de prótese no português rural de Minas Gerais. Os *corpora* da pesquisa foram extraídos de 72 entrevistas orais realizadas em seis localidades mineiras – Águas Vermelhas, Passos, Serra do Cipó (que abrange parte dos municípios de Santana do Riacho e Jaboticatubas), Minas Novas, Sabinópolis e Luisburgo – oriundos, respectivamente, das dissertações de Vander Lúcio de Souza (2008), Gisele Aparecida Ribeiro (2010), Cassiane Josefina Freitas (2012), Maryelle Joelma Cordeiro (2013), Vanderlei Martins Ribeiro Miranda (2013) e Simone Dornelas Carvalho (2014). Os critérios para a escolha de informantes seguiram normas consagradas em pesquisas dialetais: ter idade igual ou superior a setenta anos, ter nascido ou com permanência na localidade pesquisada, de ambos os sexos; ser analfabeto ou com baixo grau de escolaridade. Para o estudo dos casos de prótese em dados rurais, levaram-se em conta os estudos lexicográficos de Antônio Geraldo da Cunha (1986 e 2010), os estudos etimológicos de Mário Eduardo Viaro (2014). Com relação aos arcaísmos, foram pesquisados os trabalhos de linguística histórica de Rosa Virgínia Mattos e Silva (2002) e Ivo Castro (1991), os estudos ortográficos de Duarte Nunes Leão (1576), João Franco Barreto (1671) e João de Morais Madureira Feijó (1734) e os estudos do dialeto caipira de Amadeu Amaral (1976). Nos dados rurais, podemos observar que os casos de prótese, além de indicar as modificações fonéticas, apontam indícios de estágios pretéritos da língua - os arcaísmos. Entre as formas arcaicas encontradas nos dados podemos citar *alembrar e avoar*, ainda conservados na linguagem rural.

**Palavras-chave:** Prótese. Arcaísmo. Dados rurais.

### 1. Introdução

O estudo da prótese se insere em um conjunto de estudos sobre as modificações fonéticas que as palavras de uma língua podem sofrer. Tais alterações são os chamados metaplasmos. De acordo com Mário Eduardo Viaro (2014), esses metaplasmos podem ser modificações por subtrações (aférese, apócope e síncope – síncope da postônica, síncope da pretônica, crase, síncope consonantal, haplologia); por transformações de sons (transformações vocálicas, transformações consonantais – sonorização, vocalização, palatalização, nasalização, assimilação, dissimilação); por transposição (metátese e hiperbatismo – sístole e diástole), por fragmentação e unificação de formas, e por adições (epêntese, paragoge e próste-

## II CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA XX CONGRESSO NACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA

se – esta última modificação por acréscimo constitui o interesse deste estudo).

Os casos de prótese, que correspondem às modificações por aumento, são caracterizados como um fenômeno de inserção de um fonema no início da palavra, como por exemplo, *renegar* > *arrenegar*. Esse fenômeno, juntamente com os casos de supressão, corresponde a alterações fonéticas comuns na fala espontânea.

Em se tratando da fala rural, a adição do fonema é comprovadamente recorrente, como se tem observado em pesquisas que analisam dados rurais. Dessa forma, o estudo da prótese nos dados rurais permite analisar esse metaplasmo por aumento, possibilitando evidenciar indícios de estágios pretéritos da língua - os arcaísmos, que correspondem às palavras que entraram na língua portuguesa no período compreendido entre o século XIII e a primeira metade do século XVI, conforme Rosa Virginia Mattos e Silva (2002) e Ivo Castro (1991).

Tais palavras não são mais usuais na norma padrão da língua portuguesa, mas ainda continuam a ser utilizadas na linguagem popular, sobretudo no meio rural.

Para esta análise, foram utilizadas 72 entrevistas orais realizadas em seis localidades mineiras – Águas Vermelhas, Passos, Serra do Cipó (comunidades pertencentes aos municípios de Santana do Riacho e Jaboticatubas), Minas Novas, Sabinópolis e Luisburgo - oriundas, respectivamente, das dissertações de Vander Lúcio de Souza (2008), Gisele Aparecida Ribeiro (2010), Cassiane Josefina Freitas (2012), Maryelle Joelma Cordeiro (2013), Vanderlei Martins Ribeiro Miranda (2013) e Simone Dornelas Carvalho (2014). Os critérios para a escolha de informantes seguiram normas consagradas em pesquisas dialetais: idade igual ou superior a setenta anos, nascido ou com permanência na localidade pesquisada, de ambos os sexos; analfabeto ou com baixo grau de escolaridade.

Neste estudo dos casos de prótese em dados rurais, levaram-se consideração os estudos lexicográficos de Antônio Geraldo da Cunha (1986 e 2010), os estudos etimológicos de Mário Eduardo Viaro (2014). Com relação aos arcaísmos, foram pesquisados os trabalhos de Linguística Histórica de Rosa Virgínia Mattos e Silva (2002) e Ivo Castro (1991), os estudos ortográficos de Duarte Nunes Leão (1576), João Franco Barreto (1671) e João de Moraes Madureira Feijó (1734) e os estudos do dialeto caipira de Amadeu Amaral (1976).

## 2. Procedimentos metodológicos

### 2.1. Breve contexto histórico-cultural das localidades pesquisadas

O estado de Minas Gerais é dividido pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) em doze mesorregiões: 1. Campo das Vertentes, 2. Central Mineira, 3. Jequitinhonha, 4. Metropolitana de Belo Horizonte, 5. Noroeste de Minas, 6. Norte de Minas, 7. Oeste de Minas, 8. Sul e Sudoeste de Minas, 9. Triângulo Mineiro e Alto Paranaíba, 10. Vale do Mucuri, 11. Vale do Rio Doce, 12. Zona da Mata, conforme se pode observar na Figura (1):

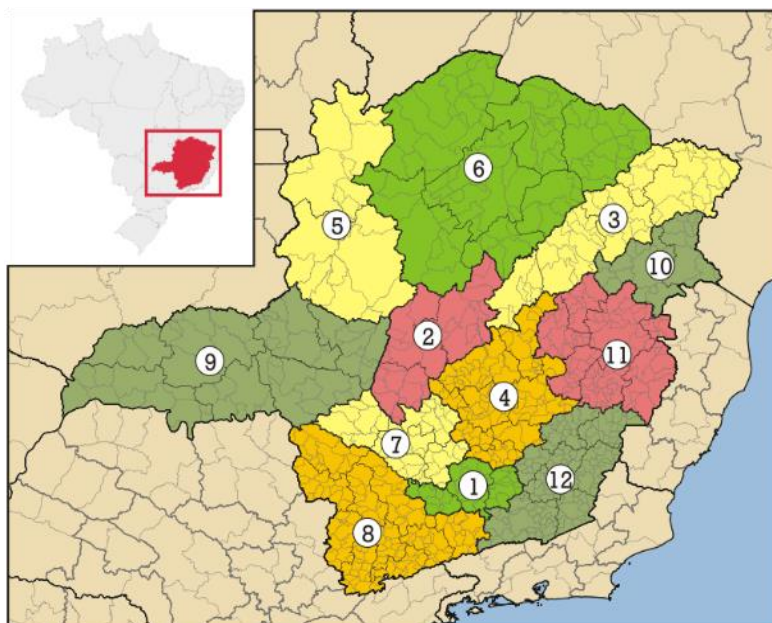


Figura 1: As doze mesorregiões de Minas Gerais. Fonte: WIKIPÉDIA. Disponível em: <[https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/c/cc/MinasGerais\\_Mesorregions.svg](https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/c/cc/MinasGerais_Mesorregions.svg)>. Acesso em: 30-08-2016.

Os municípios pesquisados abarcam seis mesorregiões diferentes do estado de Minas Gerais: Norte de Minas, Sul/Sudoeste de Minas, Metropolitana de Belo Horizonte, Jequitinhonha, Vale do Rio Doce e Zona da Mata.

## II CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA XX CONGRESSO NACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA

O município de Águas Vermelhas está situado na mesorregião Norte de Minas (ver Figura 2) e conta com uma população de 12.722 habitantes. Segundo dados do Censo 2010, 8.941 (70,2%) moradores moram na zona urbana e 3.781 (29,8%) moram na zona rural. A economia do município é basicamente agrária e de subsistência com o cultivo de milho, feijão, arroz e café. De acordo com Vander Lúcio de Souza (2008), o comércio atende às necessidades básicas da população, assim como sua agricultura, destacando-se a cultura da mandioca, de onde deriva a produção de farinha. Águas Vermelhas possui um hospital, unidades de saúde da família, uma agência bancária, além de uma indústria de mineração e uma empresa de comércio de extração de carvão mineral.



**Figura 2: Localização do município mineiro de Águas Vermelhas.**

Fonte: WIKIPÉDIA. Disponível em:

[https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/6/68/MinasGerais\\_Municip\\_Aguas\\_Vermelhas.svg](https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/6/68/MinasGerais_Municip_Aguas_Vermelhas.svg). Acesso em: 30-08-2016.

O município de Passos localiza-se na mesorregião Sul e Sudoeste de Minas (ver Figura 3). Possui 106.313 habitantes, destes 100.866 (95%) residem na zona urbana e 5.447 (5%) residem na zona rural. Destaca-se como polo regional, possuindo uma economia baseada principalmente na agropecuária e no agronegócio, em pequenas indústrias de confecções e móveis. Conforme Gisele Aparecida Ribeiro (2010, p. 66), a questão agropecuária foi fundamental para a formação econômica e cul-

tural desse município: “o gado e as atividades relacionadas a ele fazem parte da vida das pessoas desse lugar há muito tempo”. Na área da saúde, Passos é uma cidade com recursos para o tratamento de várias enfermidades, há cinco hospitais completos no município. Na área da educação, conta com muitas escolas estaduais, municipais e particulares, além de escolas de ensino superior e técnico.



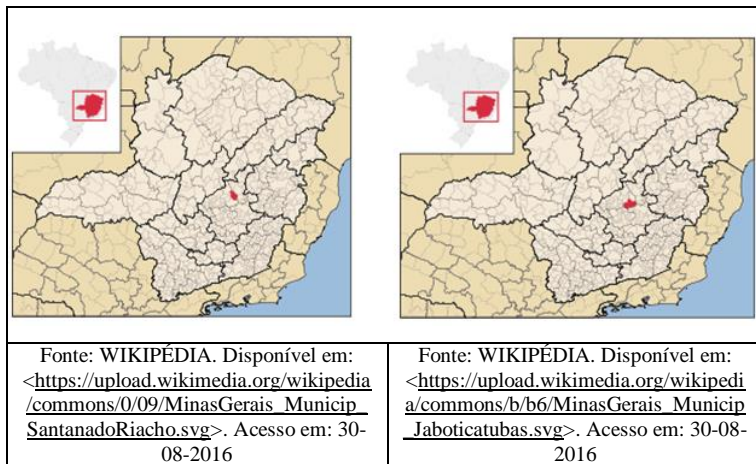
**Figura 3: Localização do município mineiro de Passos.**

Fonte: WIKIPÉDIA. Disponível em:

[https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/e/e3/MinasGerais\\_Municip\\_Passos.svg](https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/e/e3/MinasGerais_Municip_Passos.svg). Acesso em: 30 ago. 2016.

A Serra do Cipó, localizada na mesorregião Metropolitana de Belo Horizonte (ver Figura 4), abrange parte dos municípios de Santana do Riacho e Jaboticatubas. De acordo com o censo do IBGE (2010), a população que vive no entorno da serra é de 1.941 habitantes. Conforme Casiane Josefina Freitas (2012), as atividades turísticas da Serra do Cipó são bastante importantes, devido principalmente aos atrativos naturais presentes na região. Lá, está situada a principal porta de entrada para o Parque Nacional da Serra do Cipó, criado em 1970, com objetivo de proteger os bens naturais existentes na região, abrigoando vários estabelecimentos comerciais, hotéis, pousadas e propriedades rurais.

II CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA  
XX CONGRESSO NACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA



**Figura 4: Localização da Serra do Cipó  
(municípios de Santana do Riacho e Jaboticatubas)**

O município de Minas Novas está localizado na mesorregião Jequitinhonha (ver Figura 5). Sua população, segundo dados do último censo do IBGE (2010) é de 30.803 habitantes, sendo aproximadamente 12.590 (41%) moradores na zona urbana e 18.213 (59%) vivendo na zona rural do município. De acordo com Maryelle Joelma Cordeiro (2013), a economia da região está baseada na agricultura, com a produção de milho e feijão, com a criação de pequenos animais para consumo próprio e a pesca realizada no rio Araçuaí. Merece destaque seu artesanato, sobretudo de objetos feitos em argila, famosos tanto no Brasil quanto no exterior. Em tempos pretéritos foi uma das principais zonas de mineração da Capitania de Minas Gerais. Atualmente a atividade mineradora, apesar de bem modesta, é realizada sobretudo no Rio Fanado com a presença de pequenos garimpos de subsistência que, além de explorar o ouro, extraem cristais e pedras semipreciosas e preciosas.



**Figura 5: Localização do município mineiro de Minas Novas**

Fonte: WIKIPÉDIA. Disponível em:

<[https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/6/66/MinasGerais\\_Municip\\_Minas\\_Novas.svg](https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/6/66/MinasGerais_Municip_Minas_Novas.svg)>. Acesso em: 30-08-2016.

O município de Sabinópolis está localizado na mesorregião Vale do Rio Doce (ver Figura 6). A população do município, de acordo com dados do último censo do IBGE (2010), é de 15.707 mil habitantes: 10.134 (65%) residentes na zona urbana e 5.573 (35%) residentes na zona rural. Sabinópolis possui uma extensa zona rural que se destaca por alavancar a expansão econômica da cidade. De acordo com Vanderlei Martins Ribeiro Miranda (2013, p. 33), “ao longo do século XX, o desenvolvimento se deu através da criação de gado, base econômica da cidade, sendo grande parte do leite destinado à fabricação do Queijo do Serro”.



**II CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA  
XX CONGRESSO NACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA**



**Figura 6: Localização do município mineiro de Sabinópolis**

Fonte: WIKIPÉDIA. Disponível em:

<[https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/8/8f/MinasGerais\\_Municip\\_Sabinopolis.svg](https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/8/8f/MinasGerais_Municip_Sabinopolis.svg)>. Acesso em: 30 ago. 2016.

Luisburgo pertence à mesorregião da Zona da Mata Mineira (ver Figura 7). Possui uma população predominantemente rural: 1.836 (29,5%) habitantes residem na zona urbana e 4.398 (70,5%) residem na zona rural, de acordo com os dados do Censo IBGE (2010). Tem sua economia voltada basicamente para a agricultura, destacando-se a produção cafeeira. As culturas de ciclos curtos (arroz, milho e feijão) servem apenas como cultura de subsistência. Conforme Simone Dornelas Carvalho (2014), o município não possui infraestrutura autossuficiente: não há hospitais e agências bancárias. Lá, o comércio é formado basicamente por pequenas lojas de roupas, açougue, mercearias, padaria, lojas de material de construção e agropecuário e posto de combustível.





**Figura 7: Localização do município mineiro de Luisburgo**

**Fonte: WIKIPÉDIA. Disponível em:**

**<[https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/9/92/MinasGerais\\_Municip\\_Luisburgo.svg](https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/9/92/MinasGerais_Municip_Luisburgo.svg)>. Acesso em: 30-08-2016.**

Como se pode observar, as localidades pesquisadas abrangem significativamente as mesorregiões de Minas Gerais, ou seja, cada município pesquisado pertence a uma mesorregião diferente.

## **2.2. Constituição dos *corpora***

As 72 amostras de fala foram gravadas em seis localidades mineiras - Águas Vermelhas, Passos, Serra do Cipó (que abrange parte dos municípios de Jaboticatubas e Santana do Riacho), Minas Novas, Sabinópolis e Luisburgo – advindas, respectivamente, das dissertações de Vander Lúcio de Souza (2008), Gisele Aparecida Ribeiro (2010), Cassiane Josefina Freitas (2012), Maryelle Joelma Cordeiro (2013), Vanderlei Martins Ribeiro Miranda (2013) e Simone Dornelas Carvalho (2014).

Os critérios para a escolha de informantes seguiram normas consagradas em pesquisas dialetais, utilizadas em vários trabalhos desenvolvidos na UFMG, dentre eles o de Maria Cândida Trindade Costa de Seabra (2004):

## II CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA XX CONGRESSO NACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA

- Ter idade igual ou superior a setenta anos;
- Ter nascido ou com permanência na localidade pesquisada;
- Ser analfabeto ou com baixo grau de escolaridade.

Todas as transcrições levaram em conta os parâmetros propostos pelo *Projeto Pelas Trilhas de Minas: as bandeiras e a língua nas Gerais*, projeto apoiado pela FAPEMIG, sob a coordenação da Profa. Dra. Maria Antonieta Amarante de Mendonça Cohen. Esse modelo não se refere a uma transcrição fonética, trata-se de uma transcrição ortográfica, com adaptações.

As entrevistas foram gravadas, em sua maioria, na própria casa do entrevistado, em conversa informal, com temas sobre o dia a dia dessas pessoas: costumes, tradições, festejos, vida no campo, família.

Na constituição desses *corpora*, levaram-se em consideração os trabalhos de Lesley Milroy (1987) e James Milroy (1992), pois esses informantes integram uma rede densa e multiplex. A rede é densa porque as pessoas se conhecem umas às outras, ou seja, um grande número de pessoas a quem um indivíduo está ligado também estão ligadas umas às outras; e multiplex porque as pessoas interagem em vários campos de atividade: escola, igreja, trabalho, parentesco, esportes etc. Segundo Lesley Milroy (1987, p. 160), “uma estrutura de rede densa e multiplex prevê relativa proximidade às normas do vernáculo”.

No que se refere às regiões rurais, relativamente isoladas, James Milroy (1992) explicita que, devido à população ser menor e com uma cultura mais conservadora, a língua tem a tendência a se manter, desfavorecendo a mudança linguística. Essa afirmação nos permite dizer que nos grandes centros urbanos as redes sociais são mais “fracas”, fazendo com que a norma linguística tenha pouca resistência às transformações, o que acelera os processos de variação e mudança linguística.

O “isolamento” rural, conforme assinala Antonio Candido (1982, p. 83), deve ser entendido em referência ao “grupo de vizinhança” e não ao indivíduo ou à família apenas. Dessa forma, os contatos intergrupais dificilmente significam oportunidade de experiências novas: “por toda parte, as mesmas práticas festivas, a mesma literatura oral, os mesmos processos agrícolas, o mesmo equipamento agrícola”. O autor conclui que “semelhante homogeneidade favorece o isolamento cultural e a estabilização das formas sociais”.

### 3. Pressupostos teóricos

#### 3.1. A prótese

Os metaplasmos por acréscimo caracterizam-se pela adição de um som a uma palavra, seja no início (prótese: *star* > *estar*), no meio (epêntese: *dificuldade* > *dificulidade*) ou no final (paragoge: *sob* > [*sobi*]). Neste trabalho vamos nos ater ao acréscimo do fonema no início da palavra, ou seja, à análise da prótese.

O termo *prótese*, segundo Mário Eduardo Viaro (2014), provém do grego *próthesis* “adição” e foi substituído por *prótese* no XIX, aparentemente, sem motivos. De acordo com Mário Eduardo Viaro (2014, p. 132), “a prótese mais frequente ocorreu e (ainda hoje ocorre), nas línguas ibero-americanas em vocábulos que iniciam com *s+consoante-*, seja na transmissão (popular ou culta) das palavras latinas, seja nos empréstimos mais tardios”. Para o autor, nessas línguas ocorrem mais comumente as próteses com *a-*, como se pode observar em palavras como *lembrar* > *alembrar*.

Mário Eduardo Viaro (2014) ressalta que a origem desse *a-* tem explicações diversas: pode ser analógica ou em decorrência de substratos. Como as causas atribuídas à prótese de *a-* são múltiplas, cada caso deve ser elucidado de forma particular. O autor esclarece que nem sempre é claro identificar se *avoar* (atestado no século XIV) é uma prótese de *a-* ou uma conservação do latim *advolare* “voar para perto” ou do latim *avolare* “voar para longe”. Ademais, destaca que é comum se atribuir a causa da prótese *a-*, em palavras femininas, a uma falsa segmentação, relacionada ao artigo *a*, como por exemplo, lat *rutam* > *ruda* > *arruda*. Por fim, expõe que as próteses normalmente são representadas por vogais, mas há casos de prótese consonantal, como por exemplo, germ *\*werra* > *guerra*.

#### 3.2. Os arcaísmos

Para Rosa Virgínia Mattos e Silva (2002), as características típicas do período arcaico da língua portuguesa são encontradas em documentações remanescentes do período compreendido entre o século XIII e XIV e também na primeira metade do século XVI.

De acordo com Ivo Castro (1991, p. 243), em *Curso de História da Língua Portuguesa*, o fim do período arcaico na língua portuguesa é

## II CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA XX CONGRESSO NACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA

considerado simbolicamente o ano de 1536, pela representação do último auto de Gil Vicente, *Floresta dos Enganos*; a morte de Garcia de Resende, a impressão da *Grammática da lingoagem portuguesa*, de Fernão de Oliveira e a instalação definitiva da Universidade em Coimbra. Segundo o autor,

para efeitos de periodização, podemos assumir que o português clássico começou quando morreram os últimos falantes que diziam *olhade*, *queredes* ou *cobride*. E eles morreram com Gil Vicente, cujas personagens femininas e idosas ainda usavam formas verbais com [-d-]. É claro que esta fórmula tão nítida e sugestiva deve ser tomada com um pouco de tempero. (CASTRO, 1991, p. 247)

Conforme Maria Filomena Gonçalves (2007), o fim do período arcaico da língua portuguesa foi anunciado bem cedo, com a publicação de uma lista de palavras consideradas antigas, por Duarte Nunes de Leão, na obra *Origem da Língua Portuguesa*, em 1606. Para Maria Filomena Gonçalves,

da tensão entre as “palavras antigas” e as “palavras modernas” teve-se um esboço temporão logo em 1606, na *Origem da Língua Portuguesa*, obra em que Duarte Nunes de Leão apresenta um rol de cento e vinte quatro “vocábulo antigos”. (GONÇALVES, 2007, p.46)

A obra de Duarte Nunes de Leão se destinava a esclarecer e auxiliar na leitura e interpretação de textos. Nela as palavras antigas apareciam sempre acompanhadas das correspondentes versões modernas.

Mário Vilela (1997) diz que os arcaísmos podem ser classificados em gráficos (como em *Villela* e *Queiroz*, em vez dos atuais *Vilela* e *Queirós*); fonéticos (como em *oiro*, *toiro*, para as atuais *ouro* e *ouro*); morfológicos (como em *soides*, *estaides* e *estejaides*, para *sois*, *estais* e *estejais*); sintáticos (como em *isto é a fim do mundo*, no lugar de *isto é o fim do mundo*) e lexicais (como em *escaleira*, para *escada*).

Para a análise dos nossos *corpora* e a indicação da origem da palavra, foi necessária a consulta a uma obra lexicográfica de referência na área de etimologia. No nosso caso, utilizamos o *Dicionário Etimológico Nova Fronteira da Língua Portuguesa* de Antônio Geraldo da Cunha (1986), (2010). Como a maioria dos dicionários não registra formas arcaicas, foram pesquisados os estudos ortográficos de Duarte Nunes Leão (1576), João Franco Barreto (1671) e João de Morais Madureira Feijó (1734) e os estudos do dialeto caipira de Amadeu Amaral (1976) para analisar essas formas.

Assim, nos dizeres de Maria Cândida Trindade Costa de Seabra (2004), o léxico é o patrimônio cultural de um povo, é o subsistema da língua mais aberto, que mais reflete as transformações de uma sociedade. Dessa maneira, podemos destacar que a presença de próteses e arcaísmos são características da fala do meio rural, sobretudo no léxico de pessoas mais idosas.

#### **4. Análise dos dados**

Nos corpora analisados foram encontrados 34 casos de prótese. Nos dados de Vander Lúcio de Souza (2008) verifica-se a existência de 4 casos; em Gisele Aparecida Ribeiro (2010) há 3 casos; em Cassiane Josefina Freitas (2012) existem 6 casos; em Maryelle Joelma Cordeiro (2013) foram encontrados 8 casos; em Vanderlei Martins Ribeiro Miranda (2013) há 5 casos e em Simone Dornelas Carvalho (2014) 8 casos. São eles:

a) Vander Lúcio de Souza (2008):

ALEMBRA(R) • (A) • [V] • Lat>Port (CUNHA, 1986) • Trazer lembranças à memória. Recordar-se. Variante de lembrar. “Eu alembro... um mucado eu alembro...”. (Entrevista.7, linha 9) • (alembra ~ lembrar: caso de prótese)

ALEVANTA(R) • (A) • [V] • Lat > Port (CUNHA, 1986) • Colocar-se de pé. Variante de levantar. “... quebrei o resguardo... mas eu alevantei inflada de camisa...”. (Entrevista 3, linha 105) • (levantar ~ alevantar: caso de prótese)

INTRADIÇÃO • (A) • Nf [SSing] • Lat > Port (CUNHA, 1986) • Transmissão de lendas e costumes através das gerações. Variante de tradição. “É... os mais velhos foram morrendo... uma parte da meninada / aconteceu que num aprenderam... num aprenderam essas intradição e nem seguiu as intradição velha...”. (Entrevista 5, linha 393) • (tradição ~ intradição: caso de prótese)

IZABELÊ • (A) • N2g [ SSing] • Obscura (CUNHA, 1986) • Ave de caça, bem colorida, de asas pretas com faixas amarelas, peito castanho, barriga amarelada e a cabeça e parte de trás do pescoço meio avermelhada; jaó. Variante de zabelê. “Izabelê é um pássaro tipo uma galinha... ela

**II CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA**  
**XX CONGRESSO NACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA**

num senta em pau não... ela vive no chão...”. (Entrevista 5, linha 661) • (zabelê ~ izabelê: caso de prótese)

b) Gisele Aparecida Ribeiro (2010):

AJUNTA(R) • (A) • [V] • Lat > Port (CUNHA, 1986) • Por junto, reunir, apanhar, recolher. Variante de juntar. • “Mais cê precisava vê o tanto de gente que ajuntava. Rodava isso tudo aí de tratore, de carreta. Aquê povão memo”. (Entrevista 3, linha 95) • (juntar ~ ajuntar: caso de prótese)

ALEMBRA(R) • (A) • [V] • Lat > Port (CUNHA, 1986) • Recordar, vir à lembrança. • “Cê num alembra dela não. Ele era muito chique”. (Entrevista 10, linha 332) • (lembrar ~ alembra: caso de prótese)

ENVI(R) • (A) • [V] • Lat > Port (CUNHA, 1986) • O mesmo que vir. • “E daí quando nós todo mundo () nós envinha embora, os cachorrinho da C... envinha um grandão”. (Entrevista 1, linhas 124 e 125) • (vir ~ envir: caso de prótese)

c) Cassiane Josefina Freitas (2012):

ABUSCA(R) • (A) • [V] • Obscura (CUNHA, 1986) • Tratar de trazer ou levar. Variante de buscar. • “... fui buscá dispesa é maco maco...ganhei fui abusca...busquei...ô truxe um sacão assim ó tudo cheio. ”. (Entrevista 4, linha 152) • (buscar ~ abuscar: caso de prótese)

ACUIE(R) • (A) • [V] • Lat > Port (CUNHA, 1986) • Tirar, desprender separando do ramo ou da haste; apanhar. Variante de colher. • “... o arroz que tinha ... que tava sem cortá levantô e nózi ... nós consiguiui acuiê”. (Entrevista 7, linha 28) • (colher ~ acuierr: caso de prótese)

ALEMBRA(R) • (A) • [V] • Lat > Port (CUNHA, 1986) • Trazer algo à memória, recordar, relembrar. Variante de lembrar • “Ele era fei menina em vida ô num alembro dele não mais diz que ê era fei demais muito fiuzim...”. (Entrevista 6, linha 375) • (lembrar ~ alembra: caso de prótese)

ALEVANTA(R) • (A) • [V] • Lat > Port • (CUNHA, 1986) Colocar ou colocar-se de pé, elevar-se. Variante de levantar. • “Com deus me deito com deus me alevanto... com a graça divina e o sinhô isprito santo”. (Entrevista 1, linha 333) • (levantar ~ alevantar: caso de prótese)

ALEVA(R) • (A) • [V] • Lat > Port • (CUNHA, 1986) Fazer passar de um lugar para outro, carregar, transportar. Variante de levar. • “Ê pegô a cabeça dele assim e impurrô ê pra baxo e ê falô “nossa senhora d’apáricida ondê que cês vão alevá ieu” aí ê saiu avuano memo e virô lá po lado do Cardoso e ê viu que é o disco voadô memo”. (Entrevista 6, linha 139) • (levar ~ aleva: caso de prótese)

AVUA(R) • (A) • [V] • Lat > Port • (CUNHA, 1986) Sustentar-se ou mover-se no ar. Variante de voar. • “Do jeito que ê pegô a cabeça dele assim e impurrô ê pra baxo e ê falô nossa senhora d’apáricida ondê que cês vão alevá ieu aí ê saiu avuano memo e virô lá po lado do Cardoso”. (Entrevista 2, linha 26) • (vuá ~ avuá: caso de prótese)

d) Maryelle Joelma Cordeiro (2013):

ADIVIRTIDO • (A) • [ADJ] • Port (CUNHA, 1986) • Que diverte, que alegre e faz rir. Variante de divertido • “Era adivirtido, viu? Pai. Pai num tinha uma que ele num pegava no ispeto. Uma paca. É dá aqueles poção, no ribeirão muita água, né? Ela vinha vruup e ele ispetava ela. ”. (Entrevista 3, linha 297) • (divirtido ~ adivirtido: caso de prótese)

AJUNTA(R) • (A) • [V] • Port (CUNHA, 1986) • Por junto, reunir, apanhar, recolher. Variante de juntar. • “A hora que o peixe pu... ia cumê no negócio aqui, os peixe ajuntava lá dento, es ia cumeno do lado ela ia iscapulino pra baixo da ponta. ”. (Entrevista 12, linha 461) • (juntar ~ ajuntar: caso de prótese)

ALEMBRA(R) • (A) • [V] • Lat > Port (CUNHA, 1986) • Lembrar, recordar, trazer à memória. • Variante de lembrar. “Eu nem sei se ele alembra não que ele era tava pequeno. Capaz que ele nem alembra”. (Entrevista 1, linha 92) • (lembrar ~ alembra: caso de prótese)

AMUNTA(R) ~ MUNTA(R) • (A) • [V] • Port (CUNHA, 1986) • Por-se sobre um animal, montar. Variante de montar. • “E eu chiano lá na cama, rolano lá. Sangue istrebordano em todos os fi de cabelo. É. Com poco ele chegô, que resolveu. Ele resolveu. Pontô um rapaz amuntado num cavalo lá, aonde eu tava falano. É um milagues. Pode sabê que é. ”. (Entrevista 6, linha 26) • (montar ~ amuntar: caso de prótese)

ARRIUNI(R) • (A) • [V] • Lat > Port (CUNHA, 1986) • Juntar, por junto • Variante de reunir. • “Aí era...dia domingo, né? Às vez quando tinha tempo de brincá. Nós morava perto. Nós é...Eis era três irmão. Era V., J. e T. Era os três irmão. Morava perto. Aí arriunia aques bu...minino des



**II CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA**  
**XX CONGRESSO NACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA**

...dia de domingo pra brincá de boneca, brincá de fornainha". (Entrevista 1, linha 74) • (reunir ~ arriunir: caso de prótese)

ARROSA(R) • (A) • [V] • Port (CUNHA, 1986) • Tornar cor de rosa. Variante de rosar. • "Pegava a foia de banana, (( )) sacudia, sapecava ela, temperava a massa e punha assim ó. Inrolava, inrolava, inrolava. Quem tinha laje pra pô dentro punha. Quem num tinha, punha no chãozim lá do forno, do forno à lenha. Quando aquilo arrosava, tirava e ficava cumeno. É assim que foi minha vida". (Entrevista 11, linha 94) • (rosar ~ arrosar: caso de prótese)

ARRUDIA ~ RUDIA ~ RUDIINHA • (A) • Nf [SSing] • Port (CUNHA, 1986) • Pano enrolado com rosca, e sobre a qual se assenta a carga na cabeça. Variante de rodilha. • "Discasca a mamona e soca e agora a gente faz as, faz os monte de arrudia assim ó". (Entrevista 3, linha 528) • (rodilha ~ arrudia: caso de prótese)

AVUA(R) • (A) • [V] • Lat > Port (CUNHA, 1986) • Sustentar-se ou deslocar-se no ar. Variante de voar • "Ele tava inrolado. Inrolado, mas já no jeito de avuá. Que a cobra se ela tivé ispichadinha, se ela tivé ispichadinha cê pode passá um bicho na boca dela que ela pula pra trás". (Entrevista 5, linha 302) • (voar ~ avoar: caso de prótese)

e) Vanderlei Martins Ribeiro Miranda (2013):

AFORÇA(R) A IDEIA • (n/d) • [Fras] • Lat > Port (CUNHA, 1986) • Exercitar a memória. • "... e ele não ten[d]o aquilo copiado ele tem que aforça a ideia pra até aprendê...". (Entrevista 3, linha 442) • (forçar ~ aforçar: caso de prótese)

AGUARDA(R) • (A) • [V] • Lat > Port (CUNHA, 1986) • Guardar, conservar na memória. Variante de guardar • "Então ela num quis deixá e eu estudei esse livro... foi só duas coisa que eu aguardei já dentro desses setenta anos mais ou menos que eu num esqueci...". (Entrevista 3, linha 444) • (guardar ~ aguardar: caso de prótese)

ALEMBRA(R) • (A) • [V] • Lat > Port (CUNHA, 1986) • Trazer algo à memória, recordar, relembrar. Variante de lembrar • "... eu ainda tenho uma meio lembrança de tropa... cê num alembra de tropa não né?". (Entrevista 2, linha 5) • (lembrar ~ alembra: caso de prótese)

APREPARO • (A) • Nm [Ssing] • Lat > Port (CUNHA, 1986) • Reunião de pessoas para fins recreativos. • "Ô minino... com nós aqui nunca que (

)... quando dava festa só lá pra Sabinópolis... e num tinha tempo de ir a festa nada... quando tinha aí era algum apreparo né... ( ) aqui na roça... ( )... o povo bebe... briga e... dá muita má sastifação né... má sastifação...”. (Entrevista 5, linha 272) • (preparo ~ apreparo: caso de prótese)

ARREPARA(R) • (n/d) • [V] • Lat > Port (CUNHA, 1986) • Prestar atenção em algo. • “No dia do velório de Gustavo... A. saiu de casa... e largô M. toman[d]o conta de tudo lá sozinha e ele saiu... todo mundo arreparô aquilo que ... fez...”. (Entrevista 3, linha 237) • (reparar ~ arreparar: caso de prótese)

f) Simone Dornelas Carvalho (2014):

ACOLOCA(R) • (n/d) • (A) • [V] • Lat > Port (CUNHA, 2010) • Pôr em algum lugar. Variante de colocar. • “foi só os dois falcido meu avô ... que ... acolocar as peça...”. (Entrevista 1, linha 39) • (colocar ~ qcolocar: caso de prótese)

ADISPOIS • (A) • [ADV] • Lat > Port (CUNHA, 2010) • Em seguida, posteriormente. Variante de depois. • “adispois que lavava aquilo muito bem lavadim ... aqueas fissura ... a gente levava e bo / punh’aquilo pa’ cuzinhá ...”. (Entrevista 2, linha 389) • (depois ~ adispois: caso de prótese)

AJUNTA(R) • (A) • [V] • Lat > Port (CUNHA, 2010) • Por junto, reunir, apanhar, recolher. Variante de juntar. • “e nũ é que ajuntava moçaiada nem ... nem rapaziada não ... pu’que hoje es fala que se nũ tivê moça nem rapaiz nũ faiz festa né. ”. (Entrevista 3, linha 820) • (juntar ~ ajuntar: caso de prótese)

ALEMBRA(R) • (A) • [V] • Lat > Port (CUNHA, 2010) • Trazer algo à memória, recordar, relembrar. Variante de lembrar • “diz que tinha um banquete das / das coisa que era de cumê ... tinha de tudo que a pessoa alembrasse na hora...”. (Entrevista 1, linha 57) • (lembrar ~ alembrar: caso de prótese)

ALEVA(R) • (A) • [V] • Lat > Port (CUNHA, 2010) • Fazer passar de um lugar para outro, carregar, transportar. Variante de levar. • “intão agora es que tem que / que como diz o caso es que têm que fazê o qu’eu fiz pros meu ... os meu eu sempre alevi na igreja...”. (Entrevista 12, linha 3234) • (levar ~ aleva: caso de prótese)

APREPARA(R) • (A) • [V] • Lat > Port (CUNHA, 2010) • Aprontar, arranjar. • “... aí nós chegamo e apreparamo a terra ((tosse) e começamo o

**II CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA  
XX CONGRESSO NACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA**

memo plantio do café. ”. (Entrevista 12, linha 1348) • (prepar ~ apreparar: caso de prótese)

ARRIUNI(R) • (A) • [V] • Lat > Port (CUNHA, 2010) • Juntar, por junto. Variante de reunir. • “lá nós fiquemo muito tempo arreunino ali...”. (Entrevista 9, linha 2377) • (reunir ~ arriunir: caso de prótese)

ENVI(R)• (A)• [V]•Lat > Port (CUNHA, 2010) • O mesmo que vir. • “ea já envinha imhora mesmo ... eu vim junto... aí eu já / já fui direto ...já fui até na casa dela ... e: conversemo bastante”. (Entrevista 1, linha 128) • (vir ~ envir: caso de prótese)

Quadro comparativo dos casos de próteses encontradas

Souza (2008)	Ribeiro (2010)	Freitas (2012)	Cordeiro (2013)	Miranda (2013)	Carvalho (2014)
x	x	<b>abuscar</b>	x	x	x
x	x	x	x	x	<b>acolocar</b>
x	x	<b>acuiar</b>	x	x	x
x	x	x	x	x	<b>adispois</b>
x	x	x	<b>adivirtido</b>	x	x
x	x	x	x	<b>aforçar</b>	x
x	x	x	x	<b>aguardar</b>	x
x	<b>ajuntar</b>	x	<b>ajuntar</b>	x	<b>ajuntar</b>
<b>alembrar</b>	<b>alembrar</b>	<b>alembrar</b>	<b>alembrar</b>	<b>alembrar</b>	<b>alembrar</b>
<b>alevantar</b>	x	<b>alevantar</b>	x	x	x
x	x	<b>alevar</b>	x	x	<b>alevar</b>
x	x	x	<b>amuntar</b>	x	x

x	x	x	x	apreparo	apreparar
x	x	x	x	arreparar	x
x	x	x	arriunir	x	arriunir
x	x	x	arrosar	x	x
x	x	x	arrudia	x	x
x	x	avuar	avuar	x	x
x	envir	x	x	x	envir
intradção	x	x	x	x	x
izabelê	x		x	x	x

O quadro comparativo expõe as 34 indicações de prótese: Vander Lúcio de Souza (2008) - 4 casos; Gisele Aparecida Ribeiro (2010) - 3 casos; Cassiane Josefina Freitas (2012) - 6 casos; Maryelle Joelma Cordeiro (2013) - 8 casos; Vanderlei Martins Ribeiro Miranda (2013) - 5 casos; Simone Dornelas Carvalho (2014) - 8 casos. Conforme se observa, os vocábulos *alevantar*, *ajuntar*, *alevar*, *apreparar*, *arriuir*, *avuar*, *envir* aparecem em diferentes *corpora*. *Alembrar* destaca-se por ocorrer em todos as localidades pesquisadas. Os demais vocábulos - *abuscar*, *acuiar*, *acolocar*, *adispois*, *adivirtido*, *aforçar*, *aguardar*, *arrosar*, *arrudia*, *intradção* e *izabelê* - não aparecem em outros *corpora*.

Dentre os 19 vocábulos, constantes no quadro, *abuscar*, *acolocar*, *acuiar*, *adispois*, *aforçar*, *adivirtido*, *aguardar*, *ajuntar*, *alembrar*, *alevantar*, *alevar*, *apreparar*, *arreparar*, *arriunir*, *arrosar*, *avuar*, *envir*, *intradção*, *izabelê*, foram identificados 3 casos de arcaísmos.

Na identificação dessas formas arcaicas, levaram-se em conta estudos lexicográficos, lexicológicos e ortográficos que registraram o vocábulo como “antigo”, “arcaico”, “reformação” e “advertências em ordem a emmendar”. Essas formas arcaicas são:

**ADISPOIS:** O vocábulo *despois* é forma arcaica, que se encontra em Camões, entre outros clássicos, segundo Amadeu Amaral (1976). Nos

## II CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA XX CONGRESSO NACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA

dados rurais, o vocábulo arcaico *despois* aparece com a prótese vocálica *a-*.

**ALEMBRAR:** O vocábulo *alembrar* é antigo na língua portuguesa e aparece nos dicionários atuais como forma popular. De acordo com Amadeu Amaral (1976), aparece na obra de Gil Vicente.

**AVUAR:** O vocábulo *avoar* consta em Duarte Nunes de Leão (1576) na lista de ‘reformação’ e em João Franco Barreto (1671) nas “advertências em ordem a emendar” como palavras “erradas”. Em João de Moraes Madureira Feijó (1734, p. 218), “*Avoar* he abuso, porque devemos dizer so *Voar* do Latim *Volare*. E ainda que no Latim também ha *Advolare*, este significa *voar juntamente*”.

Como se pode observar, o “isolamento” desses falantes rurais, em decorrência da homogeneidade nos padrões de organização social, permite a conservação dessas formas pretéritas na língua.

### 5. *Considerações finais*

Esta análise dos casos de prótese se desenvolveu a partir de entrevistas com informantes mais velhos e integrantes uma rede densa e multiplex que conservam ainda hoje características da fala rural, inclusive arcaísmos.

A conservação dessas formas linguísticas, não mais usuais na norma padrão da língua portuguesa, pode ser atribuída ao ‘isolamento’ desses falantes que mantêm uma proximidade às normas do vernáculo. Nesse sentido, a rede de um indivíduo pode certamente refletir as afinidades e atitudes pessoais com relação à cultura vernacular, sendo uma correspondência clara e consistente entre a força da estrutura de rede de uma pessoa e o uso da língua. Como bem assinala James Milroy (1992), isso explica porque falantes mostram lealdade às normas da comunidade local, apesar do estigma social ligado a elas, em oposição à “cultura oficial”.

### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AMARAL, Amadeu. *O dialeto caipira*. 3. ed. São Paulo: Hucitec, 1976.

*Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos*

BARRETO, João Franco. *Ortografia da lingua portugueza* / per Joam Franco Barretto... – Em Lisboa: na officina de Joam da Costa: a custa de Antonio Leyte mercador de livros, na Rua Nova, 1671.

CANDIDO, Antonio. *Os parceiros do Rio Bonito: um estudo sobre o caipira paulista e a transformação dos seus meios de vida*. 6. ed. São Paulo: Duas Cidades, 1982.

CASTRO, Ivo. *Curso de história da língua portuguesa*. [Colab.: Rita Marquilhas, J. León Acosta]. Lisboa: Universidade Aberta, 1991.

CARVALHO, Simone Dornelas. *A mudança da ordem do adjetivo em relação ao nome nos dados rurais de Luisburgo/MG*. 2014. Dissertação (de mestrado). – Faculdade de Letras, UFMG. Belo Horizonte.

CORDEIRO, Maryelle Joelma. *Estudo linguístico no Vale do Jequitinhonha: o léxico de Minas Novas*. 2013. Dissertação (de mestrado). – Faculdade de Letras, UFMG. Belo Horizonte.

CUNHA, Antônio Geraldo da. *Dicionário etimológico Nova Fronteira da língua portuguesa*. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986. [4. ed. 2010]

FEIJÓ, João de Moraes Madureira, Orthographia, ou arte de escrever, e pronunciar com acerto a lingua portugueza para uso do excellentissimo Duque de Lafoens / pelo seu mestre João de Moraes Madureyra Feyjo... Lisboa Occidental: na Officina de Miguel Rodrigues, Impressor do Senhor Patriarca, 1734.

FREITAS, Cassiane Josefina. *Café com quebra torto: um estudo léxico-cultural da Serra do Cipó/MG*. 2012. Dissertação (de mestrado). – Faculdade de Letras, UFMG. Belo Horizonte.

GONÇALVES, Maria Filomena. A variação lexical no discurso metalinguístico de setecentos: apontamentos sobre o arcaísmo. In: MURAKAWA, Clotilde de Almeida Azevedo; GONÇALVES, Maria Filomena (Org.). *Novas contribuições para o estudo da história e da historiografia da língua portuguesa*. Araraquara: FCL-UNESP Laboratório Editorial; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2007.

LEÃO, Duarte Nunes. *Orthographia da lingoa portuguesa: obra vtil & necessaria assi pera bem screuer a lingoa Hespanhol como a Latina & quaesquer outras que da Latina teem origem; Item hum tractado dos pontos das clausulas / pelo licenciado Duarte Nunez do Lião*. Em Lisboa: per Ião de Barreira, 1576.

**II CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA**  
**XX CONGRESSO NACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA**

MATTOS E SILVA, Rosa Virgínia. Reconfigurações socioculturais e linguísticas no Portugal de quinhentos em comparação com o período arcaico. In: MATTOS E SILVA, Rosa Virgínia; MACHADO FILHO, Américo Venâncio Lopes. (Orgs.). *O português quinhentista: estudos linguísticos*. Salvador: Edufba, 2002. p. 27-41. Disponível em: <<https://repositorio.ufba.br/ri/bitstream/ufba/131/1/O%20Portugues%20quinhentista.pdf>>.

MILROY, James. *Linguistic Variation and Change*. On the historical sociolinguistics of English. GB: Basil Blackwell, 1992.

MILROY, Lesley. *Language and Social networks*. 2. ed. Oxford: Basil Blackwell, 1987.

MIRANDA, Vanderlei Martins Ribeiro. *Léxico e cultura: estudo linguístico na área rural de Sabinópolis-MG*. 2013. Dissertação (de mestrado). – Faculdade de Letras, UFMG, Belo Horizonte.

RIBEIRO, Gisele Aparecida. *O vocabulário rural de Passos/MG: um estudo linguístico nos Sertões do Jacuhy*. 2010. Dissertação (de mestrado). – Faculdade de Letras, UFMG, Belo Horizonte.

SEABRA, Maria Cândida Trindade Costa de. *A formação e a fixação da língua portuguesa em Minas Gerais: a toponímia da região do Carmo*. 2004. Tese (Doutorado em Linguística). – UFMG, Belo Horizonte.

SOUZA, Vander Lúcio de. *Caminho do boi, caminho do homem: o léxico de Águas Vermelhas – Norte de Minas*. 2008. Dissertação (de mestrado). – Faculdade de Letras, UFMG, Belo Horizonte.

VIARO, Mário Eduardo. *Etimologia*. São Paulo: Contexto, 2011

VILELA, Mário. O léxico do português: perspectivação geral. *Filologia e Língua Portuguesa*, São Paulo: FFLCH/USP, n. 1, p. 31-50, 1997.